

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

**PREÇO DAS ASSIGNATURAS**

EM AVEIRO— ANNO 50 (NÚMEROS) 18000 RS., SEMESTRE (25 NÚMEROS) 500 RS.  
FORA D'AVEIRO— ANNO (50 NÚMEROS) 18125 RS., SEMESTRE (25 NÚMEROS) 500 RS.  
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL.. 18500 RS.

**PUBLICA-SE AOS DOMINGOS**

**AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS**

**PREÇO DAS PUBLICAÇÕES**

NA SECÇÃO DOS ANÚNCIOS—CADA LINHA 15 RS.  
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.  
NÚMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA DA ALFANDEGA NÚMERO, 7

**AVEIRO**

**O MENINO VIRTUOSO**

Não sabemos se a imprensa tem feito bem, se tem feito mal, em dar curso e publicidade aos milagres do menino virtuoso de Vendas Novas. Talvez que se prestasse um maior serviço á civilização portugueza guardando rigoroso silencio sobre os virtuosos do Alemtejo, que nos estão degradando e aviltando ainda mais aos olhos da Europa pelo culto com que se impõe á parte estúpida do paiz. A publicidade em casos d'estes, n'uma terra onde de 100 individuos só 14 sabem ler e escrever, e muito mal na maioria, em lugar de serenar os animos pela indicação do erro, mais os exalta n'um mysticismo louco acarretando maior numero de crentes ao foco da immundicie e da exploração. Todavia pondo isso de parte, não indagando da leviandade ou da sensatez da imprensa, o que ainda não vimos foi que se tirasse do facto a verdadeira conclusão logica, mais consentanea aos interesses da liberdade e da sciencia.

Com effeito grita-se, grita talvez mais de metade do paiz apesar da ignorancia e do atrazo em que isto vae, contra a torpe especulação de Vendas Novas. Ora esta gritaria é a condemnação completa do catholicismo, inconsciente como sempre mas sincera d'esta vez. Grita-se porque não se acredita na virtude ou no milagre do menino. Não só não se acredita, como se vae até uma indignação irritante contra aquella supposta virtude, ou aquelle supposto milagre.

Mas a base do catholicismo, como a base de todas as religiões, é exactamente a virtude, o milagre, o sobrenatural! S. João, S. Antonio, S. Francisco, todos os santos e santas da corte do céu deveram o seu grão de santidade e a sua felicidade celestial aos milagres e virtudes que fizeram,

alguns mais secundarios, de menos importancia que os do menino alemtejo. Logo a reprovação do menino virtuoso importa a reprovação de todos os santos e santas da religião official d'este reino, e sem santos e santas não ha religião nenhuma, não ha catholicismo.

Porque não ha de haver milagres no seculo desenove, quando houve tantos em seculos anteriores? A religião não é a mesma, houve alguma transformação radical nos sentimentos moraes da nossa especie? Das duas uma:— ou os milagres do menino de Vendas Novas são reaes, ou nunca houve milagres no mundo.

Entretanto ha milhares de catholicos, que se revoltam contra os milagres do Alemtejo e dizem acreditar nos milagres antigos! Como se vê são inconscientes nas suas convicções, são catholicos porque os ensinaram em pequenos a ser, mas a razão, esclarecida por uns reflexos da civilização contemporanea, vence-lhes a rotina educativa até os levar com sinceridade a uma imponente manifestação anti-catholica pedindo cadêa para o menino virtuoso e repressão ao louco fervor dos crentes que vão ao Alemtejo. Uma manifestação livre pensadora de mais de metade do paiz, em que se juntam monarchicos e republicanos, homens e jornaes de todas as côres, é para nós um resultado brilhante das virtudes menineiras da creança *Vendeira*. Não peçam repressão ao governo, que como catholico não a pôde conceder, mas peçam-lhe a eliminação da religião official, saiba a imprensa dirigir a corrente e tirar dos factos as conclusões verdadeiras, que terão dado um bom passo no caminho do progresso convertendo a manifestação de inconsciente em consciente, como o penultimo retoque no grande problema da independencia da intelligencia humana. Entretanto, sempre é certo o que dizia Pelletan:

*Le monde marche.*

**OS PADRES E A PROSTITUIÇÃO**

IV

«A tactica do confessor era a tactica da amante. A habilidade d'aquelle era como a habilidade d'esta:— recuzar de vez em quando, adiar, levar o desejoso ao desalento, a um desfallecimento molle, para de repente se enternecer, com uma bondade de coração!... Este manejo *coquette* infalivel ao pé d'um rei galante e devoto, obrigado a commungar em dias fixos, collocou muitas vezes o Estado no confissionario. Uma vez alli o rei, pagava as suas fraquezas de homem por fraquezas politicas. Este amor custava-lhe um segredo d'Estado, aquelle bastardo custava-lhe uma ordenança. A's vezes não o largavam sem penhor; para conservar a amante tinha de abandonar o proprio filho. Esses famosos campeões da fé (os jesuitas) eram scepticos em moral; ainda eram menos do que scepticos, porque o scepticismo especulativo poderia deixar alguns sentimentos de honra; não tinham coração.» (Michelet — *Le Prêtre, La Femme et la Famille*)

Nunca é demais fallar nos jesuitas: os jesuitas hoje são o clero inteiro e em Portugal tem-se fallado muito pouco n'elles. Os jesuitas foram os continuadores da corrupção moral da idade media. Mas ainda mais a degradaram; apelintraram-n'a, *atabernaram-n'a*. Prêgaram e escreveram com descaro os mais affrontosos principios da dignidade humana, os ataques mais revoltantes á moral publica e á honra das familias. Sancionaram, legalisaram todas as infamias e torpezas:— o adulterio, o estupro, a desfloração irresponsavel. Tiveram para tudo absolvição e justificação.

«A velha *coquette* (Maintenon) e o padre La Chaise persuadiram o rei de que todos os peccados que commetteu com a Montespan seriam perdoados se torturasse, perseguisse e expulsasse os protestantes: era o caminho do ceo. O pobre rei acreditou, porque nunca leu na sua vida uma palavra da Biblia, e d'aqui nasceu

a perseguição(G.) uyot—Elisabeth Charlotte, lettres).

A imaginação erotica dos jesuitas perdeu-se nas mais estupidas divagações, n'uma especie de loucura mystica, de prejuizos incalculaveis para a moral. Era um delirio de bordel.

Oswald na sua *Mariologia dogmatica* sustentou que os ecclesiasticos, em recompensa da sua virgindade, recebem na Eucharistia não só o corpo de Christo, mas a carne e o leite de Maria. O padre Jayme Pontanus declara nos seus canticos que não conhece nada de mais bello que os seios de Maria, nada mais doce que o seu leite, nada mais excellente que o seu baixo ventre! Um noviço da ordem que morreu em Roma, em 1481, foi sustentado pela virgem na lueta que travou com as tentações do diabo; para o fortificar, dava-lhe a saborear de vez em quando o sangue de seu filho e a *doçura dos seus proprios seios*. Sua-rês examina largamente a maneira porque se deu a copula entre a Virgem Maria e o Espirito Santo, emitindo todas as idéas que vogavam n'aquella epocha sobre a geração; depois a maneira por que se realizou o parto, se rasgou a membrana do hymen ou foi acompanhado de accidentes ordinarios.

Vergonhoso e baixo, mas não exaggerado. Vimos confirmando todas as nossas palavras com documentos e citações historicas, de veracidade incontestavel. Mas se a alguém restar alguma duvida bastará, para a dissipar, que leia com attenção esses livros de milagres de santos que se encontram por ahi a cada passo, os livros d'ensino religioso dos jesuitas, ou ir ouvir as praticas do Sagrado Coração de Jesus ou da Immaculada Conceição.

«Já vos ouço dizer que fallando mal de vós calumniámos Deus, a Virgem e os santos. Mas quê! Ahi estão os vossos livros, meus reverendos padres. Ahi estão elles, que fallam mais alto do que vós, e Pascal tambem, que era um homem de bem, um christão virtuoso, mil vezes mais virtuoso do que vós, que vos conhecia bem e que vos marcou na testa para

sempre como grandes criminosos.» (Dionys Ordinaire, *Lettres aux jésuites*)

«Emfim, foram os jesuitas que inventaram as loucuras da adoração do Sagrado Coração de Jesus. Todo o mundo conhece a historia. Uma desgraçada rapariga hysterica, Maria Alacoque, imaginou que Jesus vinha dormir com ella repousando a cabeça no seu seio. Abre-se o peito de Jesus, o coração d'ella aquece-se ao lado do coração divino, sendo-lhe depois restituído por Jesus. Foi o padre Colombiere seu confessor que deu vulto a estas historias, e a beatificação de Maria Alacoque, em 1864, é prova da influencia dos jesuitas na Igreja.» (Guyot—D. S. du Christianisme)

O jesuitismo está cheio d'estas porcarias. Quantos quadros de torpeza, quantas scenas degradantes, em que os padres são os protagonistas, os influentes, os directores, não teriamos ainda a descrever? Mas somos forçados a concluir em breve, provando que a degradação moral, a prostituição legal, continuou na Europa com o predomínio catholico-jesuíta.

**Carta de Lisboa**

17 de julho.

Lia-se no *Seculo* de quarta feira, em primeira pagina, logo em seguida ao artigo de fundo:

«Vae fundar-se em Lisboa uma grande associação anti-clerical, com o fim de oppôr uma resistencia tenaz e energica ao desenvolvimento do jesuitismo em Portugal. O apparecimento d'este novo nucleo democratico affigura-se nos, n'esta occasião, de uma importancia capital, principalmente se elle souber manter-se á altura de uma instituição d'esta ordem. Em todos os paizes existem hoje d'estes agrupamentos. Ultimamente realisou-se em Roma um congresso anti-clerical. Dos poucos paizes que se não fizeram representar n'essa grande manifestação liberal foi o nosso um d'elles. Em taes circumstancias, e

7

**FOLHETIM**

**SOCIALISMO**

(O TRABALHO A RETALHO. — VANTAGENS. — PARTICIPAÇÃO NOS LUCROS. — O INQUERITO DO SR. VICTOR BOEHMERT. — COMBINAÇÕES MÚLTIPLAS DO CAPITAL E DO TRABALHO.)

IX A solidariedade entre as partes contractantes no trabalho affirma-se já por muitas combinações, em que o trabalhador é um verdadeiro associado. Na impossibilidade de as especialisar, levantaremos certos preconceitos que nos parecem de natureza a paralyza-las.

Assim, as «Trades-Unions» inglezas combatem o trabalho por empreitada; em França tambem é repellido theoreticamente por certos operarios, que são em geral aquelles que pretendem que o operario deve fazer o menos trabalho possível sem se lembrarem de que quanto menos produzirem menos direito tem a exigir pelo seu producto. Para honra do

nosso paiz devemos dizer que só uma pequena minoria prefere o trabalho por dia. No trabalho por empreitada, o operario sente-se á vontade. Faz um negocio com o patrão que lhe fornece a materia prima, os instrumentos do trabalho e a força motora. Entregando elle a obra no tempo marcado e nas condições combinadas, é independente, e escusa de passar pelo vexame de ser vigiado com olhares de suspeita, de ser tratado como madraço e de lhe andarem a gritar:— «ande, trabalhe.» O trabalho por empreitada é uma questão de dignidade para o operario. Estabelece a separação entre o homem e a cousa, entre a individualidade humana e a utilidade que produz. Especifica a função do homem, que, mediante um preço concordado, deve um serviço combinado. O trabalho por empreitada é uma das formas progressivas da organização do trabalho e por toda a parte onde pode ser empregado na grande industria, tende a substituir os outros modos de trabalho.

Segundo observações feitas em Creusot e Terrenoire, o operario por empreitada trabalha mais intelligentemente. Avalia-se a melhoria do trabalho em 75 por 100 e o augmento do seu salario em

50 por 100. Da empreitada resultam pois dois beneficios: 50 por 100 para o trabalhador e 25 por 100 para o patrão.

Nas officinas Gail, os operarios trabalham por «affûtage», isto é, a tanto por hora. Cada um d'elles torna-se empregado, com a sua ferramenta, o seu banco, o seu vapor, o seu lugar. São precisos quatro operarios, por exemplo, para montar uma locomotiva e supponhâmos que se arbitram 800 francos a esse trabalho. Eis como se divide essa quantia:—1.º Os operarios são pagos a tanto a hora de «affûtage», segundo a sua capacidade; 2.º São pagos em seguida segundo o numero de horas porque cada um d'elles trabalhou; 3.º A differença entre essas sommas é o total de 800 francos é dividida em rateio dos salarios recebidos por cada um. Não ha sub-arrematantes (empregados intermedios.)

Ha casos em que pequenas sociedades representam de sub-arrematantes. Assim, nas ardosiarias de North-Wales, tres ou quatro homens formam uma *Co-partnery* (sociedade em nome colectivo) que arremata a extracção da ardósia da pedreira que lhe é indicada a tanto por milha. Os homens que tomam estes compromissos são pouco mais ou menos o

terço do numero total dos operarios. Os outros são empregados por elles como operarios. Os proprietarios fornecem os instrumentos de trabalho mais dispendiosos; os associados pequenas ferramentas e polvora.

Ha duas maneiras de trabalho:—o trabalho servil, que é sancionado pelas chicotadas e os ferros; o trabalho livre, que é sancionado por um lucro mais elevado e o orgulho da propria obra. O primeiro é o menos productivo; o segundo é o mais productivo.

O trabalho por dia deriva do trabalho servil; o trabalho por empreitada é a mais alta expressão do trabalho livre. É o principio da associação.

Como prova dos esforços feitos pelo accordo de que já fallámos, notaremos a participação dos empregados e operarios nos lucros dos patrões.

X Um economista allemão, o sr. Victor Boehmert, chefe da repartição de estatística do reino de Saxé, procedeu a um inquerito sobre esta questão. Examinou cento e vinte estabelecimentos representando industrias diferentes, collocados em regiões e condições diversas. Eis as conclusões a que chegou:

1.º A participação nos beneficios

ou lucros obra d'uma maneira efficaz se não em todos, ao menos em quasi todos os casos, tanto com o melhoramento da sorte material como elevação do nivel moral.

2.º E' manifesto que este systema não pôde ser apresentado como panacêa, como um remedio ás chagas sociaes ou como uma consequência absoluta de justiça, mas sim como um systema de salarios perfeitamente comprehendidos e cuja adopção, na maioria dos casos e segundo a natureza das industrias, se pôde tornar tão proveitavel ao que compra trabalho, como ao que o vende.

3.º A idéa d'uma adopção d'este systema é sempre sã e justa. A sua applicação não comporta nem forma particular nem modelo unico a seguir. As formas ou maneiras mais diversas devem ser, pelo contrario, empregadas concorrentemente em aperfeiçoar cada vez mais a questão do salariato.

4.º A descripção que se encontra nos relatorios especiaes, das situações industriaes as mais diversas, accusa a significação local e individual do systema e mostra que cada um dos casos em particular deve ser resolvido independentemente dos outros, isto é, em vir-



endo em vista que os governos portuguezes, longe de cumprirem com o seu dever, enxotando para longe essa corja damninha e perversa, antes a protegem e favorecem com uma benevolencia ultracriminosa e favores e concessões de toda a especie, torna-se indispensavel que os verdadeiros democratas se unam e alliem estreitamente, para offerecer um combate de morte aos inimigos declarados da familia e da sociedade.

Appellamos para todos os espiritos liberaes e para todos os democratas leaes e sinceros.

A primeira reunião, para tal fim, realisar-se-ha, no proximo sabbado, pelas 9 horas da noite, nas salas da redacção do *Seculo*, e será publica.

Até que afinal encontrámos homens decididos e vigorosos para metter hombros a um empreendimento de tanto alcance como esse de que falla o jornal republicano de Lisboa. Uma associação anticlerical, que ainda ha pouco o *Povo de Aveiro* aconselhou com tanta energia, que defendeu com vigor n'um ou dois artigos seguidos, vae ser um facto no paiz. E a auctoridade de que o *Seculo* goza no movimento democratico e o prestigio que o nome do sr. Magalhães Lima tem na massa republicana, são garantias bastantes da vida esplendorosa da Associação, porque é o *Seculo* quem lhe lança as bases n'este instante e o sr. Magalhães Lima quem mais se empenha pela sua existencia. Então, hurrah pela liberdade!

Hurrah pela liberdade, porque vamos ter em Portugal uma collectividade poderosa capaz de flagellar com vigor a corja damnada do clericalismo, e capaz até de concorrer para o esmagar em toda a Europa, pondo-se em relações immediatas e intimas, seguindo com enthusiasmo as associações europeas da mesma especie que resultados tão brilhantes e praticos têm obtido lá fora.

Hurrah pela liberdade, porque não mais assistiremos de braços cruzados a este dissolver lento da familia e da sociedade portugueza pela propagação das doutrinas clericais na escola, no confissionario, no livro e no pulpito.

Hurrah pela liberdade, porque não mais presenciaremos impune essa protecção escandalosa dos governos á seita jesuitica com manifesto desprezo da lei e esbanjamento dos dinheiros publicos na concessão inaudita que se lhe faz dos bens nacionaes.

Hurrah pela liberdade e, pondo-me de parte se no meu obscurantismo concorri pouquissimo para o grande trabalho de que se trata, hurrah pelos seus iniciadores, pelos seus fundadores, por quantos nas primeiras horas sellarem com o seu nome o empreendimento generoso.

O movimento philosophico desperta todo o meu enthusiasmo, toda a minha energia do homem novo. Porque onde elle não existe, não existe ou existe ephemero o movimento politico. Onde qualquer religião vive com predominio e mando, o cerebro hu-

mano é um armazem escuro de drogas venenosas e falsificadas. A independencia humana degrada-se ao instincto bestificado do irracional, a irresponsabilidade perde-se na noute do dogma, a liberdade cahe exanime sob o automatismo da crença. Então as sociedades são os cavallos inconscientes do carro do estado; quando muito acariciam quem lhe dá melhores tratos.

A associação deve ter um futuro brilhante, porque o movimento philosophico, mais ou menos consciante, já tem alguma força no paiz. Como o *Seculo* diz hoje, não se trata d'um gremio republicano, trata-se d'um gremio liberal, onde cabem todos os inimigos do clericalismo, seja qual for a sua procedencia politica. Trata-se de levantar o paiz pelo ensino secular, pelos principios do positivismo, os unicos que se adequam ao decôro das nacionalidades.

Darei no proximo numero, promotores da reunião annunciada para amanhã.

As noticias santarias do reino são boas. Continuam a marchar tropas para a fronteira. Infantaria 7 e caçadores 2 estão sem ninguem. Os outros corpos estão quasi no mesmo estado. Falla-se em que serão chamadas as reservas, dos primeiros annos pelo menos. Diz-se mesmo que a ordem do exercito de hontem era reduzida, sem promoções e qualquer determinação importante, por o ministerio da guerra estar a resolver o chamamento das reservas. Eu não garanto, porque não pude procurar informações a tal respeito em origem segura; mas acho visos de verdadeiro ao boato. E' possivel que se pense n'isso.

Falla-se para ali muito em cordão sanitario. Mas a imprensa pratica certas injustiças em algumas das suas criticas apimentadas, enquanto cala por ignorancia gentilezas e serviços que dariam muito que destrinçar. Vão por alli cousas! Deus nos accuda.

—Consta que ha agitação revolucionaria na Hespanha.

—Sahiu a *Era Nova*. Só li o primeiro numero e gostei da maneira porque se apresentou. O caracter d'alguns redactores que lhe conheço é garantia da sua serieidade.

—Foram novamente absolvidas as accusadas d'aquelle parto simulado em que em tempos fallei: — a hespanhola Julia Fernandes, a parteira e a creada. O jury não quiz sancionar aquelle ridiculo com um castigo severo. Fez bem. Estámos fartos de ridiculos até aos olhos e a melhor maneira de os matar é deixa-los morrer por si.

PARA RIR

Uma noticia do papel:

«A 5, um lavrador de Arouca, levava duas creancinhas n'um carro de bois. Um salavanco (queria dizer solavanco. Forte burro!) pre-

cipitou uma d'ellas, e as rodas esmagaram-na logo. Foi para o ceu.»

Uma vez um jornal de Lisboa, e de grande popularidade, noticia que se tinha afundado no Tejo um navio de bacalhau. A imprensa andou-se oito dias a rir com a calinada do navio de bacalhau. Pode-se-lhe comparar esta do carro de bois! Com a differença de que ao jornal de Lisboa escapou-lhe aquillo n'um dia como pode escapar a qualquer (e nem assim foi poupado pelos outros) e ao pasquin constituinte não lhe escapa uma n'um dia, escapam-lhe cem cada dia! Mas a outra de ir para o ceo não lhe fica atraz. Demonstrada a pluralidade dos mundos, onde fica o ceo, seu idiota! Foi para o ceo! Cretino puro. Camille Flammarion offereceu uma cabeça de burro a quem lhe precisasse a localidade celeste. Apezar d'este ter cabeça de macaco deve concorrer pressuroso ao premio. Olhe que apanha o premio!

Do artigo de fundo:

«A Inglaterra, a *Deusa dos Mares*, tal e qual como a barcassa de banhos d'este nome, está immobilizada ao pé do canal da *Mancha*, e este nome parece indicar que aquelle paiz é que é a *mancha* do canal.»

Espirito até alli! Ai terra de José Estevão, a que tu chegaste! Do espirito scintillante do grande orador cahiste na chulice d'esta calinagem vadia que te dita a lei actualmente. Tu é que és uma barcassa que vogas incerta á mercê dos *contractantes* do decoro publico.

«Roncando como um monstro marinho a Inglaterra empavezou-se (!) e mergulhando e resfolegando estrepitosamente refugiou-se no gelo de muitas transacções ao passo que fazia um grande barulho d'arsenais com o seu microscopico exercito e o seu credito de onse milhões de libras.»

Um bouquet de palavrões asnaticos para terminar chamando *microscopico* ao exercito inglez! Como sempre nem consciencia, nem sciencia, nem grammatica!

O resto orça pela bitola seguida. Entretanto citaremos o final do artigo:

«O maior deficit do nosso paiz não é o das finanças, creiam, é o do pondunor.»

A' parte a orthographia, muito bem, apoiado. Falla de papo. Em questões de honra, de brio, de dignidade, Calino é senhor do terreno. Ah! ninguem lhe chega. Mas sempre á parte a orthographia. A' parte a orthographia porque não é pondunor, é pundonor.

Ah! sr. juiz de direito, se este Calino que nos inspira mais dó do que outra cousa, tivesse imputação e responsabilidade, v.ex.<sup>a</sup> estava bem vingado d'elle!

NOTICIARIO

Falleceu na segunda feira a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Manuela de Souto Milicio, esposa do acreditado negociante d'esta cidade o sr. José Fernandes Milicio.

Accomettida pela variola, a infeliz sr.<sup>a</sup> achava-se livre da crise mais perigosa; sobreveio-lhe, porém, uma pneumonia a que succumbiu depois d'um doloroso soffrimento.

Sentimos.

Ha muitos annos que não se desencadeia entre nós uma trovada tão forte como a de quinta feira ultima.

Foi um espectáculo imponente e horrivel que os elementos nos deram durante perto de cinco horas consecutivas, desde as 7 em diante da tarde até á meia noite. A atmosphera estava constantemente allumiada, porque o fusilar dos relampagos e dos raios dava-se com intervallos de segundos, e as descargas electricas ribombavam n'uns estandipidos crebros, seccoos, que parecia quebrarem-se sobre os telhados dos edificios, fazendo-os estremecer.

A tempestade era cortada a espaços por chuva torrencial, que obstruiu quasi todos os canos, inundando algumas ruas e casas.

Os estragos nas salinas foram grandes. Dizem-nos que monta a dezenas de contos a perda em sal da futura colheita. A agua pluvial inutilizou todos os trabalhos salineiros. Os marnotos estão desanimados, porque é-lhes necessario agora um trabalho insano para recuarem o serviço perdido, e que o tempo lhes dê ensejo para isso. Se a chuva voltar copiosa, é provavel que muitas salinas fiquem improduttivas este anno, o que é um grande mal para as classes da industria salinera.

Uma faisca electrica incendiou para os lados do Solposto um rolheiro de trigo. Na Beira-mar uma outra matou um porco. Proximo d'Agueda um raio fulminou duas mulheres, uma das quaes succumbiu immediatamente. A outra vive ainda, mas em muito mau estado.

Dissémos já e repetimol-o que os cordões sanitarios tem sido inefficazes, porque a fronteira é transposta a cada passo por pessoas que escapam sem grandes precauções á vigilancia dos soldados. N'uma extensão de 1000 kilometros, que é quanto comprehende approximadamente a fronteira, os militares acham-se dissimulados a grandes distancias, tornando-se impossivel uma fiscalisação rigorosa.

Pois bem: o cholera aproxima-se de Portugal pelo lado de Merida, a dois passos de Badajoz, e pelo lado de Salamanca. Se bem que a epidemia tenda mais a crescer do que a augmentar no meio da sua effervescencia vacillante, não corremos menos perigo da sua invasão.

Exceptuando Lisboa e Porto não vemos que em mais parte alguma se tomam providencias energicas preventivas para neutralisar a acção do flagello se elle vier a Portugal. Um panaceias de momento aqui ou alli e... mais nada. E' necessario encargar o perigo com a probabilidade da sua invasão; sacudámos esta negligencia para não termos de nos arrepender ao momento supremo; nada de contemplanções pelos espiritos assustadiços. Pela facilidade das communicações e proximidade dos pontos infeccionados, o perigo está eminente; esta é a verdade que não se deve esconder. Urge portanto precavermos.

A Hespanha não lucta só com o cholera: a peste provocou a fome que se manifesta com um cortejo de horrores. A miseria é muita, os moribundos fallecem se não por effeitos directos de epidemia, pela carencia de soccorros immediatos. E' um caos medonho. Os habitantes emigram cheios de pavor. Se não fossem as cozinhas economicas que fornecem alimentos diarios a milhares de pessoas, a fome fazia mais victimas do que o cholera.

Depois d'este ensinamento, não tirámos quasi nenhum proveito. Guardam tudo para quando a epidemia tiver feito a sua entrada triumphal, para quando ella, se tiver de nos agoutar, não dá occasião a pôr em pratica, com methodo e tranquillidade de espirito as medidas convenientes.

A junção geral já expoz ali umas... theorias como prevenção a essa eventualidade. Parece-nos que fallou em improvisar um hospital e... um cemiterio e não sabemos que mais. A concepção foi arrojada. Pois nós optavamos pela criação primeiro do cemiterio, e depois do hospital.

Venha portanto o hospital e o cemiterio, e ficaremos invulneraveis. O hospital e o cemiterio é o *non plus ultra* da profilaxia anticholérica que saiu do bestunto da corporação administrativa districtal. O microbio assediado pelo dilemma supremo morrerá no cortiço.

E é que ficaram a bocejar sobre a lembrança. Não deram mais signal de si, os crueis.

O nosso amigo sr. Fernando Christo vae estabelecer no principio do mez de agosto proximo uma carreira diaria para a Ponte da Rata, durante a estação balnear.

Os pedidos de lugares devem ser feitos no hotel Cysne do Vouga e as horas da partida serão convencionadas entre a maioria dos passageiros.

Procede-se com actividade aos preparativos para em breve se ençetarem os trabalhos da construcção do pharol no nosso porto.

E' digna de attenção a miniatura do edificio do pharol, que vimos ha tempo e que deve servir de modelo fidelissimo para a construcção d'esse melhoramen-

tude dos meios, recursos e circunstancias que são proprias. Cada empresa em si propria representa um pequeno mundo á parte, independente do resto do mundo e reclamando um desenvolvimento especial, bem como acção identica da parte d'aquelles que a dirigem. E' preciso estabelecer o principio de que a participação na forma a mais elevada exige em cada interessado maior numero de esforços com uma habilidade pratica superior.

5.º Para uma feliz applicação do sistema é preciso ter em conta as condições seguintes:

A. A participação nos lucros deve estabelecer de modo que na pratica exista uma verdadeira comunidade de interesses, uma solidariedade real entre o patrão e os seus empregados, entre o capital e o trabalho.

B. A questão dos salarios é independente da questão dos lucros. Os salarios não podem depender dos lucros; só podem ser submettidos ás condições de variabilidade dos mercados.

C. No desconto geral, deve-se encerrar separadamente o lado commercial e o lado industrial, e não considerar em globo o que diz respeito a questões dif-

ferentes: — o trabalho, o capital e o fim da empresa.

D. E' bom, na divisão dos lucros pelas partes, ter em conta o total das gratificações, do ordenado ou do salario de cada interessado; em qualquer caso, attender sempre ao tempo passado no serviço da casa ou da sociedade.

E. As partes beneficiarias ou lucrativas concedidas na mais larga escala possivel, a fim de não descerem a proporções que só encontram a indifferença da parte dos interessados.

F. Os lucros, que serão extensivos ao maior numero possivel de interessados, serão regularizados de forma a não dependerem do arbitrio d'um patrão ou d'um director novo.

G. Em cada empresa que admitta a participação nos lucros, dever-se-ha constituir ao mesmo tempo um fundo de reserva sufficiente: 1.º para reparações extraordinarias no edificio e ferramentas; 2.º para reparar a falta ocasionada por uma perda possivel.

H. Em regra habitual os lucros não serão comprehendidos nas despesas geraes. Será admittido ou estipular-se-ha que os interessados, no fim d'um tempo de serviço a fixar, ou em casos extraor-

dinarios de vida de familia, ou pela aquisição d'uma casa, ou em tempos prolongados de falta de trabalho, tenham direito a levantar a parte d'activo inscripta nas suas contas individuais.

Um fim essencial a considerar na applicação do systema da participação nos beneficios, é constituir um certo capital em favor do operario tomado isoladamente, de maneira a que passe gradual e pacificamente do salariato a ter dinheiro productivo de interesse, e por tanto uma modesta parte de fortuna publica.

6.º Quanto mais promptamente se attender este fim definitivo da participação nos lucros — transformar os salariados em proprietarios de capital — melhor e mais promptamente se fará desaparecer esta desconfiança reciproca que constitue por desgraça a regra geral entre operarios e patrões. Mas é aquelles que se acham mais fortes na lucta pela existencia que compete primeiro trabalhar em fazer desaparecer essa desconfiança.

Tem-se malgrado certas combinações d'este genero. Cita-se entre outras a casa Briggs, que, explorando os minas de carvão de pedra, associou os

operarios aos lucros, levantando porém 10 por cento para juro do capital, juro bastante razoavel, que mais tarde elevou a 14 por 100. Os operarios entenderam que a participação nos lucros era illusoria n'essas condições e abandonaram essa combinação, que principiara em 1865, em 1875.

E' preciso estudar as causas tanto do mallogro como do bom resultado de uma tentativa d'esta ordem, estudo aliás difficil.

Assim, supponhamos o caso da abertura d'um istmo como o de Suez ou de Panamá, ou o da construcção d'um caminho de ferro, trabalhos avaliados em 10, 20 ou 500 milhões — que podem durar uns poucos de annos. Só no fim é que os empreiteiros ou os capitalistas podem saber se ganharam ou perderam, assim como os operarios que lhe estiverem associados. Ora como estes durante esse tempo tinham de comer, vestir e calçar, não ficariam satisfeitos com as perdas finaes. Portanto, o salario fixo ha de existir sempre, porque ha muita gente que prefere a segurança do presente á incerteza do futuro.

Muitos operarios em França têm um pequeno capital que herdaram dos paes,

que receberam da mulher ou arranjaram pelas suas economias. Muitos veem que a administração do capital não é tão simples como se affigura a quem nunca o teve na mão e preferem ficar simples operarios a estabelecer-se por sua conta. Emprestam-não então ás grandes cidades ou ao Estado, de forma que o que é salariado acollá torna-se commanditario aqui. Isto succede-nos a todos nós que vivemos do nosso trabalho.

Por conseguinte não se podem encerrar as combinações do capital e do trabalho n'uma formula unica; háo de ser multiplas, como são diversos os generos de produção. Mas o que podemos affirmar com a certeza de não correr illusões é que o accordo se ha de fazer pela força das circunstancias. Os trabalhadores háo de aprender a calcular, a ler, a escrever, a reflectir, a fallar; háo de saber debater os seus interesses, o que não succedia hontem. Hontem tinham de soffrir a vontade d'um homem, que não só tinha o capital na mão, mas que ainda por cima se sabia servir d'elle, com toda a sorte de privilegios legais. Amanhã o caso ha de ser outro.

(CONCLUE.)

YVES GUYOT.



to. Trabalho em miniatura, é admiravel pela exactidao rigorosa já nos requisitos architectonicos externos, já nos internos, que é o que mais surprende.

E' uma obra de merito na opiniao de peritos auctorisados, que accusa uma habilidade pouco vulgar n'um modesto artista de Verdemilho, muito conhecido n'esta cidade. E' o sr. Manuel Boaes Monica, um moço de aptidões que, convenientemente educadas e aproveitadas, poderiam fazer d'elle um artista de muito mais merecimento.

Temos hoje uma brilhante corrida de 7 touros, dada pelo sr. José Joaquim d'Oliveira.

O sr. Oliveira possui uma numerosa manada de gado bravo, e sabemos que os bois para o espectáculo d'hoje são escolhidos a capricho.

Vamos chamar a attenção da auctoridade administrativa para a exploração torpissima que uma mulher de virtude exerce ahí para os lados da estação do caminho de ferro.

A febre das creaturas bentas está-se desenvolvendo d'uma maneira espantosa, auxiliada pela credence popular, que na sua superstição auxilia inconscientemente esse commercio illicito.

Mas o caso da bruxa da estação que nos suggeriu estas linhas não póde passar sem reparos, apesar de não o podermos narrar hoje em todas as suas minudencias.

Ha mezes que depenna uma mulher de Villar. A finoria diagnosticou a molestia e applica-lhe cataplasmas de rezas, arbitrando 500 rs. por cada trez exorcismos. Ha dias em que ella triplica o dose e lhe extorque 1\$500 rs.

A idiota diz ter no corpo o espirito de um seu parente, fallecido ha muito. O esposo da enferma já recorreu á therapeutica espiritual de dois sacerdotes que tiveram o bom senso de lhe negar os seus serviços. E foi depois d'isto que o pobre marido na sua simplicidade boçal caiu nas garras da harpia, que prometteu afugentar o espirito extranho e limpar as algibeiras do papalvo.

Porém o melhor do caso é que o espirito ameaça introduzir-se no corpo d'uma filha d'aquella, e a creança sabedora da ameaça, encontra-se bastante assustada, sendo provavel que a doenca se agrave em proveito da benzedeira.

A' auctoridade cumpre averiguar do seu poder sobrenatural.

A Revolta, do sr. Magalhães Lima, tem tido muito gasto. Isso é symptomatico e mais uma decepção para as instituições que se vêem profundamente abaladas.

O livro do nosso amigo vende-se em Aveiro na tabacaria do sr. Sequeira Moreira, na rua Direita, e na loja de Joaquim Fontes Pereira de Mello, á Praça do Commercio.

A camara municipal tem mandado remover todo o lixo accumulado nos beccos da cidade. E' uma medida de limpeza que se tornava urgente. Havia pontos

immundos, cheios de detritos animaes e de despejos de casas particulares formando monturos nauseabundos.

Se a limpeza foi inspirada pelo cholera que nos bate á porta, bendigamos o cholera.

Está ahí detido na cadeia um infeliz, que já foi julgado e condemnado a degredo para a Africa, o qual se encontra em deploraveis condições de saúde. Sem recursos para se alimentar convenientemente, n'uma masmorra infecta e humida, o pobre lutta ha muito tempo com uma tísica, que o prostrou e já nem se póde levantar da mísera enxerga.

A inspecção medica não o auctorisará com certeza a seguir o destino que a fatalidade lhe traçou, porque a vida do desventurado não será longa. A quem superintende recomendamos o triste, suavizando tanto quanto possivel aquella existencia tão precocemente macerada pelo infortunio.

E' um grande desgraçado que recommendamos em nome da solidariedade da familia humana nas provações da adversidade.

Agora que se procede á limpeza das ruas, lembramos á camara a conveniencia de mandar retirar uma grande quantidade de entulho que foi depositado á esquina da rua d'Arrochella, e desobstruir a valleta que se prolonga com a estrada dos Santos Martyres.

E' de grande necessidade.

Sob o titulo de Revista Luzo-Espanhola acaba de sair á luz no Porto um jornal, escripto nos dois idiomas da peninsula iberica. Saudamos o novo collega, a quem apeteçemos uma vida larga e cheia de prosperidades.

Reappareceu a Era Nova, consagrando o n.º da sua resurreição á data gloriosa da tomada da Bastilha. Seja bem vindo o valente campeão da democracia.

Não sabemos para que serve o zelador do municipio. Os bancos do largo municipal encontram-se quasi todos em vergonhoso estado, o que não honra muito a camara que tem um zelador tão pouco zelador das propriedades municipaes.

Provavelmente espera-se que os bancos cheguem a cahir de todo para os mandar restaurar em seguida. Com um pequeno dispendio pódem remediar o mal, que está ainda em principio.

Em frente dos paços do concelho, no passeio mais central da cidade, é pouco lisongeiro para nós que os bancos mereçam tão pouca attenção ao zelo do zelador municipal.

O S. Torquato de Guimarães ganhou este anno a frioleira de 2:758\$000 reis— só em dinheiro. As reliquias tambem foram numerosas.

Foi uma boa rasca para os magães que superintendem nos interesses do santo. Os pessimistas não se cançam de clamar que

sómos uma nação pobrissima; mas apparece um menino virtuoso ou um santo milagroso, e ninguém acredita nas prophcias tetricas do nosso proximo enquiamento por falta de dinheiro para equilibrar as finanzas.

O tio Fontes é que disse bem: o povo é como um limão: quanto mais se espreme mais sumo deita.

Ainda o Caro não se lembrou de explorar a piedade dos seus vassallos. Affigura-se-nos um bom meio de augmentar as rendas publicas e com certeza sem excitar a acrimonia dos contribuintes. E' pespegar-lhe com uma fornada de santos e santas de prestigio, e queremos ver se não surte o effeito desejado. Ahí fica a lembrança; não exigimos privilegio de invenção.

Que os nossos economistas pensem maduramente no assumpto. O sr. Thomaz Ribeiro empresta a sua Senhora d'Apparecida que já tem bastante nome, e parece que finalmente temos resolvido um grande problema financeiro... E iremos todos parar ao reino da gloria ao mesmo tempo que consagramos o amor da patria!!!... Puf!...

Nós constituimos já um paiz original, mas havemos de supplantar os americanos á força de innovações estupendas.

Rogamos ao sr. chefe da repartição telegrapho-postal d'Albergaria Velha, o obsequio de nos dizer a quem tem sido entregue o nosso periodico que vai subscrito ao sr. Arthur Moreira de Paiva.

S. s.ª obrigar-nos-ia sobremaneira, satisfazendo o nosso pedido. Um empregado d'essa repartição diz-nos que o sr. Arthur Moreira de Paiva não reside ahí ha muito, e todavia o Povo de Aveiro nunca nos foi devolvido. Ficamos esperando.

Andou ha dias em Serpins, da Louzã, missionando ao povo, um individuo que mais tarde se averignou ter sido soldado de artilheria 3.

Este mundo é dos finorios quando a sociedade tem por lema a exploração sem se olhar á legitimidade dos meios. O soldado fez-se missionario talvez para occorrer á sua subsistencia; assim como por essa mesma causa podia dedicar-se a outra profissão. Preferiu aquella que lhe dava mais proventos e menos trabalho.

Nada ha que extranhar. Ha tempos não foi surprehendido um pedreiro a dizer missa n'uma das egrejas do Porto, allegando que optára por aquella vida para se livrar de embaraços pecuniarios?

Muito bem. A epocha não pode ir mais propicia para receber sem sobrançeria as habilidades dos que sabem prevalecer-se do seu temperamento especial.

E' infelizmente certo que o cholera nos bate á porta, tenham paciencia os espiritos timoratos; e nunca será de mais vulgarisarmos bastante as opiniões medicas sobre o meio de nos preservarmos o mais possivel contra o terrivel flagello.

A sciencia medica demonstrou

ha muito que o microbio não resiste á decocção, e que portanto a agua, que entrar na economia domestica deve ser fervida.

Por o julgarmos de summa importancia, transcrevemos abaixo o trecho principal d'uma carta enviada ao Liberal.

«O preservativo effcaz, seguro, infallivel, o primeiro que se deve attender n'uma povoação onde se manifesta um unico caso, é tirar á agua as condições morbidas, fervendo-a, deixando-a arrefecer e agitando-a antes de ser bebida.

Os medicos devem recommendar especialmente nas suas prescrições higienicas e anti-colericas que se ferva a agua: isso é o essencial, isso é a primeira causa que as auctoridades devem vigiar, isso é a primeira causa a que as familias devem attender, isso é a primeira causa que a imprensa deve aconselhar porque a origem do colera está unica e exclusivamente na agua.

Ha tres especies de epidemias produzidas pelos seres organicos microscopicos, pelos mundos microscopicos que se agitam no ar, na agua e na terra. Quando o ar que está infeccionado se respira, vai aos pulmões, d'estes passa ao sangue e produz as bexigas, a febre amarella, etc. Se estão envenenadas a humidade e a agua, esta é bebida ou aquella absorvida, o mal affecta o estomago, os intestinos e as funcções gastricas, produzindo os symptomas, os ataques e os desenlaces funestos da epidemia que hoje disima a Hespanha. Por ultimo quando a origem da epidemia está na terra, affecta geralmente os animaes que n'ella comem ou d'ella se nutre e as plantas. O infusorio colerico não penetra nunca nos vasos sanguineos.

Nunca o encontrou n'elles medico algum, nem o dr. Koch, nem os doutores francezes Roux e Strauss nas numerosas autopsias que, o anno passado, fizeram em Toulon.

Isto é dito pelos medicos, repetido pela imprensa e deve ser aconselhado em todos os bairros pelas auctoridades, porque não haveria um unico individuo que não accetasse como axioma salvador, o seguinte:

«O grande anti-colerico é a panela da agua fervendo sobre o lume». Será pouco sempre todo o cuidado que haja em casa, para que não só se não beba outra agua que não seja fervida, mas que se empregue em todos os usos domesticos, assim como ninguém deve levar aos labios as mãos humidas do pescado, carne ou legumes que venham da praça.

Em resumo: o colera, não ataca nem póde atacar a quem tenha o cuidado de não levar á bocca restos alguns de humidade, fructas, nem almento de qualquer especie, nem agua que não tenha passado pelo fogo, com excepção das aguas mineraes, quando houver a certeza de que são legitimas».

Não chegam muito boas noticias do reino visinho. Notam-se

Os applausos romperam espontaneos.

Houve segunda reunião.

O Marquez de Dreux Brézé, grão-mestre de ceremonias, com ordem do rei, intimou Bailli, o sabio academico presidente da Assembleia Nacional, a dissolver immediatamente aquelle agrupamento que ia d'encontro á vontade de Sua Real Magestade...

Bailli respondeu: —Não posso encerrar a Assembléa sem que ella delibere.

Depois, voltando-se para os seus companheiros: —Creio, disse elle, que a nação reunida não pode receber ordens.

Neste momento uma voz de trovão ribombou na sala.

Mirabeau, o grande orador, com os punhos fechados e os olhos despedindo fogo, bradou ao emissario do rei:

—De sobejo conhecemos nós as intenções dos que aconselham o rei. Ide dizer-lhes que nos achamos aqui por

lá uns rumores surdos que põem em sobresalto o rei Affonso.

O cholera que lhe serviu de pretexto para ir a Aranjuez, ao meio dos famintos e doentes, espalhar alguns *pecetas* e obrigar os seus vassallos pela gratidão, não desarmou a effervescencia revolucionaria. E' isso o que se deprehende d'um jornal de Barcelona que diz ter chegado áquella cidade uma companhia d'exercito e prendeu o tenente coronel e seis officiaes de reserva.

Varios periodicos hespanhoes attribuem a Zorrilla a opinião de achar por emquanto inoportuno um levantamento. Corre, porém, com insistencia que Zorrilla, o antigo general de brigada Moliné, e muitos outros emigrados hespanhoes estão perto da fronteira, aguardando o ensejo de entrar em Hespanha.

Depois d'estes boatos o telegrapho annunciava-nos que a policia descobriu em Madrid grande quantidade de instrumentos bellicos, e que na provincia da Catalunha foram presos alguns republicanos armados que alliciavam gente, sendo igualmente presos em Saragoça alguns individuos suspeitos, e entre elles um coronel.

E' possivel que todo este azáfama official não passe d'um jogo que todos comprehendem. Porem a Hespanha está sobre um vulcão, e cremos que não se fará esperar muito um movimento revolucionario formidavel. O governo farejou-o, tenta abafal-o, mas ignora o lado vulneravel.

O throno de D. Affonso cimentado com sangue, não poderá resistir ao embate odiento do povo hespanhol, que reivindicará n'um esforço tremendo a patria escravizada e polluida pela raça bourbonica.

Acaba de ser ordenado aos senhores chefes fiscaes das contribuições de consumo: que não mais obriguem a pagamento os generos que não forem expostos á venda, como são os presentes, marrãs, e os de consumo proprio.

O roubo do consulado no Rio de Janeiro parece que toca muito de perto com personagens altamente collocados. Só algum cretino muito ingenuo admittiria como cumplice no crime a qualquer pobre diabo.

Nunca duvidamos de que no roubo entraram figurões do *high life*, assim como não acreditamos que se faça luz bastante sobre o facto ou que os tribunaes firam os habilidosos delinquentes. Tresentos contos é frioleira com que se não abotoava um simples mortal sem preponderancia para oppor todos os obstaculos á accção da justiça.

O *Diario Portuguez*, do Rio de Janeiro, diz que do exame a que se procedeu resultam indicios vehementes contra varios funcionarios do consulado, e que um dos indigitados, que se achava na Europa, está resolvido a fazer revelações interessantes, indicando os parceiros na falcatria.

Não ha de haver novidade, soceguem. A senhora da Paz ha de intervir. Com o respeito que nos merecem os cavalheiros que pro-

vontade do povo e que só sairemos pela força das baionetas!

O entusiasmo foi indescriptivel, a Revolução não se fazia esperar!

Conheceis por ventura Camillo Desmoulin?

Não? Pois eu vol-e digo immediatamente.

Camillo Desmoulin é aquelle manco louro como um anjo, franzino como uma donzella e sabio que nem um livro, que aos domingos á tarde, no Palais Royal, trepa á uma cadeira, descobrindo a sua fronte magestosa e prega ás multidões enthusiasmasdas o verbo santo de um novo dogma e de novas leis.

Quem não ouviu dos seus labios o feliz agouro de um futuro bemdito ou quem não leu ainda no azul claro e profundo dos seus olhos os reflexos d'alguma bella miragem longo tempo entrevista e quiça realisavel?...

(Conclue.) TITO MANSO.

FOLHETIM

A TOMADA DA BASTILHA

14 DE JULHO DE 1789

Ao devasso Luiz XV succedea no throno Luiz XVI.

A França caçada e pobre pelos esbanjamentos e prodigalidades de Luiz XV, pelas orgias da nobreza, pelas oppressões do feudalismo, pela miseria dos seus filhos e pela tyrania de todos os pequenos satelites de uma cõte em ruina, sentia pouco e pouco sua grande coraçao abrir-se ás idéas salutaras e boas dos encyclopedistas do seculo 18.

Voltaire, Rousseau e Diderot tinham mostrado com suas doutrinas que só o povo é soberano e livre, e por isso o unico juiz nas suas acções.

Luiz XVI era tão fraco como tímido; completamente dominado por Maria Antonieta sua mulher e pelos gentis-homens do seu sequito assignava elle os decretos e ordens bem pouco em harmonia com as aspirações do povo francez que, á força de soffrimentos e humilhações queria alfin recuperar a sua autonomia social.

O paiz caminhava em vertiginosa carreira a despenhar-se no abysmo de uma bancarrota inevitavel. Só esforços de gigantes o poderiam salvar e qual outro titulo poderíamos dar a esses heroes de 1789 que operaram a grande transformação social que em eccos gloriosos se repercutiu de montanha em montanha ate aos confins do universo!

A França pedia uma Constituição! Houve abertura dos Estados Geraes onde compareceram solememente os tres corpos d'estado. O primeiro, a nobreza era composto da flor dos pergaminhos, de brilhantes cortezaes; o segun-

do, o clero e o terceiro compunha-se de homens do foro, medicos e jornalistas. Este ultimo era o mais poderoso e sympathico á nação pelo motivo de ser o que mais proficentemente representava a vontade popular. O seu traje era modesto e severo.

Nesta reunião proferiu o rei um discurso em que censurava a inquietação geral dos espiritos e o desejo exaggerado de innovações.

Via-se claramente o partido da rainha (que tão pernicioso se tornou á realza, tentando minar a contra-revolução.

O Terceiro Estado depois de dirigir diversas petições ao rei, não sendo attendido, resolveu formar entre si um corpo independente que se denominou «Assembléa Nacional».

Reuniu-se n'uma vasta sala de jogo de pella, onde os representantes do povo pronunciaram o celebre juramento «de nunca se separarem até que a Constituição do reino se achasse estabelecida em bases solidas».



